

Reflexões realizadas pelo professor Doutor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro durante a V Semana de Geografia realizada pela UNESP - Ourinhos no ano de 2009

(A Filosofia) É algo bastante ambicioso, sem dúvida, e isso pode até mesmo parecer completamente utópico em face de nossas atuais exigências científicas. Contudo, a filosofia não é uma ciência entre as outras, e mesmo que ela deva levar em conta os resultados científicos, seu propósito fundamental não é de ordem científica. Ela busca um sentido para este mundo que nos cerca, elementos que nos permitam nele inscrever nossa existência, e não apenas um conhecimento objetivo.

LUC FERRY – Aprender a Viver
Filosofia para os Novos Tempos – p.46

O estilo tardio faz parte e, ao mesmo, está à parte do presente. São poucos os artistas e pensadores capazes de levar seu ofício tão a sério a ponto de perceber que também ele envelhece e deve enfrentar a morte, sem poder recorrer senão à memória e aos sentidos em decadência.

EDWARD W. SAID – Estilo Tardio – p.44

Esta segunda visita à Geografia da UNESP no campus de Ourinhos assenta no lançamento de duas obras recém-editadas que, no rol das outras por mim cometidas, devem refletir meu “sentimento” da Geografia. Entre constrangido e agradecido aos colegas deste Departamento acho que este encontro parece ensejar, ao lado dos comentários sobre as mesmas e os eventuais autógrafos, alguns comentários sobre a importância da Geografia segundo a entende um geógrafo

brasileiro da segunda metade do século XX.

Ao dar por encerrada a minha missão de professor de Geografia Física na FFLCH-USP em 1987, aos sessenta anos de idade, assaltaram-me três preocupações. Deixar algumas avaliações sobre o meu desempenho no campo da Climatologia (MONTEIRO, 1991); indagações sobre os Geossistemas (MONTEIRO, 2000) e, sobretudo, uma obra sobre o Piauí, meu estado natal, minha terra e minha gente deixados para o Sul desde 1945. Paralelamente, procurava uma nova temática numa efervescente e mutante Geografia que, além de atrativa, viesse possibilitar a continuidade de minha colaboração à Geografia dentro dos limites de um “aposentado” rejeitando a inatividade e refratário à solicitação de pedidos de recursos aos órgãos públicos. Dirigi-me ao vizez da Geografia Humanística, direcionando a relação Geografia-Literatura (MONTEIRO, 2002).

Colaborando ainda nos cursos de pós-graduação em Geografia nas Universidades Federais de Santa Catarina e Minas Gerais, até o ano de 1990 passei, a partir daí, a dedicar-me a um projeto pessoal sobre minha terra. Entre 1991 e 1993 entreguei-me totalmente às tarefas de pesquisa, redação e edição piloto de uma obra que se alongou por cinco volumes, em torno de 400 páginas cada (total aproximado de 5 mil) rotulado de RUA DA GLÓRIA.

Minha atividade de aprendiz (1947-1962) e pretensão geógrafo (1962-1987) foi acompanhada de uma compulsiva atividade de viajante. Curioso sobre os diferentes mundos na mocidade, a velhice levou-me a nostálgica tarefa de refletir sobre minha terra natal, a família, a geografia e a história da minha terra. Nasceu assim a obra em 4 volumes assim estruturada:

1. Rua da glória

Vol. 1 – Rumo à Cidade Nascente (1850-1896)

Vol. 2 – As Armas e as Máquinas (1896-1921)

Vol. 3 – No Tempo dos Revoltosos (1921-1934)

Vol. 4 – O Tamanho de uma Esperança (1934-1945)

Para a introdução da vasta obra sobre o obscuro Piauí era imprescindível uma introdução, inicialmente pretendida como “A Província do Piauí na Metade do Século Dezenove”. Reconhecendo a ignorância reinante sobre a terra e gente piauiense, o propósito de focalizar o ponto de partida da obra viu-se ampliado. E a ocorrência da Balaiada e sua importância acabou tornando-se uma abordagem

que recuou desde o princípio do “devassamento” do Piauí (Barbosa Lima Sobrinho, 1946). Assim a série RUA DA GLÓRIA viu-se acrescida de uma introdução rotulada Tempo de Balaio.

Dezesseis anos esta obra – lida por um limitado número de parentes, amigos e colegas – os volumes permaneceu na estante. Confesso que realizá-la foi uma “compulsão” e que estava ciente de que sua “edição” seria muito problemática.

Graças ao interesse e entendimento entre os geógrafos das Universidades Federais de Santa Catarina (onde principiei minha vida acadêmica) e aquela do Piauí (minha terra natal) ambas que me beneficiaram do honroso título de Doutor Honoris Causa, está em questão a edição da referida obra. Pelo que sou imensamente grato. Mas é necessário que ela preserve o tempo em que foi produzida, motivo pelo qual figura a data real de 1993.

Esta obra, desde o seu volume introdutório (em lançamento) reflete a minha paixão pelos estudos geográficos e históricos. Minha família, em suas quatro gerações no decorrer de um século não visa nenhuma exaltação ou importância econômica e social. Ela é tomada como uma “amostra” que, por estar a meu alcance, foi vista como “meio” de ilustração da sociedade de uma Unidade da Federação quase desconhecida e significantemente “original” em relação às outras. Um território eminentemente sertanejo e pastoril, conquistado do sul para o norte, quase destituído de litoral, diferença marcante das outras unidades nordestinas.

Como não tenho a pretensão de haver esgotado o assunto tenho a esperança de que se mérito houver nesta minha contribuição será aquela de despertar o interesse de outros pesquisadores para focalizar minha querida terra, a mais pobre e desassistida das unidades da Federação.

Mas desta volumosa obra que se inicia pelo focalização do processo histórico e terá, necessariamente, uma edição em tempo imprevisível, aparece aqui, à consideração de outra obra – pequena e variada em temática – editada pelo empenho de minha grande amiga e renomada geógrafa Maria Adélia Aparecida de Sousa, titular de Geografia Humana da FFLCH-USP. Rotulada GEOGRAFIA SEMPRE – O Homem e seus mundos ela é coletânea de trabalhos desses últimos tempos que, em sua heterogeneidade temática talvez mereça enquadrar-se naquele conceito de “estilo-tardio” lançado pelo filósofo Adorno e desenvolvido pelo crítico literário palestino-americano, Edward W. Said (1935-2003). Com esta coletânea de ensaios eu não hesito em relacionar a Geografia que, a despeito da pretensão à ciência, merece também sintonia marcante com a Filosofia e pode ser “iluminada” pela associação com as Artes.

O mais grave nessa associação está no fato de que a minha posição ao lado de

artistas renomados certamente soará como descabida pretensão e até mesmo cabotismo. Pecha que me apavorava outrora mas que agora, rompida a barreira dos oitenta, não dou a menor importância. Em vez de encontrar-me numa maturidade serena e tranqüila esta obra aqui lançada não entra em sintonia com a Geografia agora vigente e até mesmo com certos aspectos de minha produção passada.

A obra “Geografia Sempre” - aqui lançada nesta noite – é uma coletânea de 8 ensaios independentes. Num primeiro conjunto de cinco trabalhos – um deles aborda diretamente o rótulo da obra (capítulo 2). Na segunda parte encontram-se três ensaios dirigidos ao conteúdo geográfico em obras artísticas: literatura, cinema e pintura. É indisfarçável a miscelânea que, de certo modo, aponta a fragmentação ou disjunção na temática geográfica reinante no momento atual.

Talvez fique mais claro se compararmos esta obra recém produzida (2008) com uma outra minha produção de duas décadas atrás. No momento mesmo de minha aposentadoria da USP (1987) a convite do IBGE colaborei na edição comemorativa do cinquentenário da Revista Brasileira de Geografia que mereceu edição especial em dois volumes, contendo colaborações dos geógrafos Aziz Nacib Ab`Saber, Pedro Pinchas Geiger, Speridião Laissol, Bertha K. Becker e eu próprio, apresentando o artigo Travessia da Crise – tendências atuais da Geografia (MONTEIRO, 1988). Essa minha contribuição entre alguns colegas produziu um choque tanto pela sua estruturação como por seu desenvolvimento, fazendo abertíssimo apelo às artes, especialmente arquitetura, literatura. Sua estruturação em quatro “movimentos” foi motivo de choque. Nunca fui um fiel observador das normas ou cânones acadêmicos. E estes já estavam abalados, sobretudo pela profunda agitação reinante no final dos anos oitenta, já em plena “grande crise histórica” que ainda hoje atravessamos, iniciada, na minha opinião, no quinquênio 1968-1973.

O primeiro “movimento” focaliza a Modernidade & Crise e para desenvolvê-la faço apelo ao grande poeta irlandez W. B. Yeats utilizando um dos seus motes preferidos – a Torre – e utilizando um trecho de seu poema A Segunda Vinda (1917).

...

Desagrega-se tudo; o centro não segura;
Está solta no mundo a simples anarquia;

O geógrafo que subisse a uma torre constataria, numa disciplina que se vira atravessada por “revoluções” quantitativa-teórica e enfrentava propostas de “novas geografias” conduzidas pela “crítica radical”.

No segundo movimento aproveito para criticar o “cientificismo” reinante para

o qual apelo para Jorge Luis Borges que, em sua obra História Internacional da Infâmia. No seu capítulo “Do Rigor na Ciência” onde ele toma o exemplo da Cartografia que de tanta preocupação com o rigor da escala acaba elaborando um Mapa do Império que tinha o tamanho do Império (escala 1:1). Diante de tal absurdo “científico-técnico” não sobrou do tal mapa senão restos despedaçados, habitados por animais e por mendigos.

...
Em todo o país não resta outra relíquia das Disciplinas Geográficas.

Acima do “rigor Científico” importa saber se a Geografia – seja ela o que for: disciplina, ciência – corresponde a uma necessidade vital do Homem.

E assim, tomando outra imagem cara a Borges – o “Labirinto” – acrescento à visão vertical da “torre” aquela horizontal dos múltiplos labirintos, o que confirma a confusão.

O 3º movimento, tratando do “Pensamento entre Preparação e Fundação” é apoiado em seleção de textos de Heidegger sobre divergências filosóficas. Para aqueles geógrafos que não se contentam com um só espelho, sobretudo daqueles erigidos como únicos, perfeitos e “oficializados” há que recorrer a outros, sugerindo que entre o caos revelado pela torre e pelos labirintos cumpre enfrentar um jogo de espelhos para fazer nossa escolha dentre as várias “novas” geografias.

Advém, finalmente, dessas constatações, a necessidade de que, em meio a uma tal crise ocorra um Situar-se para o Acontecer. Recorri neste último movimento ao nosso Guimarães Rosa, extraindo do seu Cara de Bronze (um dos poemas do Corpo de Baile) que recorre a um dos seus espertos peões – o Grivo – para a importante missão de ir até sua longínqua terra natal para esclarecê-lo de um drama familiar do qual se evadira.

...
O que se manda buscar é um raminho com orvalhos...

O Grivo, o peão esperto, é um mensageiro da poesia.

Neste difícil emaranhado onde geógrafos, cientistas, intelectuais enfrentam esta grande crise, talvez a paixão, um árduo empenho a procura de uma diretriz seja bem sucedida, o que me fez associar um tal “achado” materializado num badalar de “Os Sinos”.

Vinte e um anos – uma data de maioridade – separam estes dois trabalhos. Do mais antigo eu não modificaria nada. Talvez fosse necessário, no que diz respeito

aos pólos econômicos, acrescentar (seria substituir? Não creio.) aquele do Japão e os “tigres asiáticos” a emergência da China.

E o que se depreende do recém lançado? De um lado percebe-se que duas décadas após ainda há uma sensível desagregação embora, em meio dela, já se percebe que entre torres e labirintos alguns já encontraram seus caminhos. Poderíamos admitir que estes já ouviram o auspicioso badalar de sinos. No meu caso pessoal, aposentado de minha posição de titular de Geografia Física na FFLCH-USP encerrei definitivamente minha atuação na pesquisa climatológica, o que só e praticável em laboratório, congregando orientador e orientandos conduzindo linhas de pesquisa. Sem apoio institucional e dispensando qualquer ajuda de órgãos públicos de auxílio à pesquisa (CNPQ, FAPESP, CAPES, etc.) orientei-me dirigindo-me à Geografia Cultural ou Humanística. Senda esta em pleno crescimento entre nós destacando-se na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) no NEPEC realizando seminários bi-anuais, editando a revista Espaço e Cultura e outras obras.

Desde 1978, quando do retorno de Milton Santos e o lançamento de uma Nova Geografia a produção do eminente colega não só teve repercussão internacional como criou um grande número de adeptos aqui no Brasil. Agora mesmo, recém vindo de uma Semana Alagoana de Geografia no campus V da Universidade Estadual de Alagoas presenciei a apresentação de trabalhos de alunos mestrados ou ainda bolsistas de iniciação científica preocupados com os “objetos técnicos informacionais” e outros conceitos miltonianos. Dentre as linhas (diversas e divergentes) dirigidas a economia política destaca-se na UFSC uma linha de pesquisa conduzida pelo colega Armem Mamigonian embasada no legado do economista Ignácio Rangel. Estes são casos mais notórios na evolução de nosso pensamento geográfico. Seria extremamente difícil, no presente momento, sobretudo para um pesquisador isolado, proceder a um levantamento completo das diferentes “escolas” ou linhas de pesquisa criadas no Brasil. Mas não é possível deixar de registrar que no campo da chamada Geografia Física, após o cisma de 1984 quando nasceu em Rio Claro o Seminário de Geografia Física Aplicada, ainda hoje florescente e crescente, acrescidas daqueles de Climatologia e Geomorfologia.

Passado vinte anos, se houve uma certa ordenação no caos reinante não se poderá constatar uma ordenação nas “disciplinas geográficas”. Surpreendentemente vinda do Reino Unido (Inglaterra) onde as revoluções teórica e quantitativa tiveram ampla acolhida, a coletânea organizada por John A. MATHEWS & David T. HERBERT, e rotulada como *Unifying Geography – Common Heritage, Shared Future* (2004). Esta obra clama por um “retorno” (nunca o círculo que se fecha, mas a espiral que ascende) à unidade da Geografia ainda não deu sinal de aceita-

ção. Parece continuar a tendência à aceitação da “*new left*” que insiste no determinismo econômico-político não só para a Geografia (a “cultural” sobretudo) mas para todo o conhecimento.

Cumpra agora fazer algumas conjecturas sobre o que e como a recente obra GEOGRAFIA SEMPRE – O Homem e seus Mundos teria algo de “tardio”. Senão no conteúdo, pelo menos no que concerne o “estilo”. Na primeira parte – Conjecturas Geográficas – o Capítulo 1 está mal rotulado pois que se trata de um depoimento pessoal sobre a minha atuação como geógrafo na segunda metade do século XX extravasando (*malgré moi*) pelo XXI. Os capítulos 3 e 4 foram temas retomados várias vezes ao longo de minha produção. A abordagem da cidade – uma temática da maior importância no conhecimento – sempre foi objeto de minhas considerações de vez que são os “espaços” onde a relação Homem-Natureza é mais intensa.

Avulta nesta obra o Cap.2 que se amplia para denominar a obra inteira. Minha intenção básica foi aquela de apresentar a Geografia como algo imprescindível na vida do homem. Através da História, malgrado o conteúdo e as feições diferenciadas ela está presente sempre. Ao adotar o subtítulo “O Homem e Seus Mundos” quero enfatizar o fato de que o conceito de “mundo” é, de algum modo, um conceito total, mas nitidamente “parcial”.

Nem seria possível num planeta tão complicadamente diverso, variado e ocupado pela espécie humana, ela também mais variada em características raciais, habitats e culturas. Da imensidão do universo, com suas miríades de galáxias, de “Sistemas” do qual o solar, a que pertence nossa Terra, é pouco significativa (a não ser pela suposição de ter VIDA). Nosso planeta Terra contém – pela presença do Homem – vários “mundos”, sob diferentes pontos de vista. Falamos num mundo tropical (critério natural), mundo cristão, mundo islâmico (religioso), mundo latino, mundo saxão (antropológico) etc., etc. A economia impõe-nos diferentes mundos: primeiro, terceiro.

Nesta diversidade de gentes e lugares sempre houve, ao longo dos tempos, guerras bem como aproximações por interesses culturais, políticos. Hoje falamos em “globalização” no sentido de que no planeta Terra – o globo terrestre – o Homem desenvolveu uma tecnologia de comunicação. E somente nas “comunicações” porquanto as diferenças econômicas, políticas, sociais e de tratamento da natureza são altamente díspares. Mas já houve tentativas historicamente anteriores cuja expansão limitou-se aos quadros técnicos vigentes. Evitarei aqui (dispensar-me-ei de) apontar aqui essas pretensas tentativas de “globalização” atendo-me a mais importante delas: a Renascença, onde a combinação de três invenções básicas – a bússola, a pólvora e a imprensa – permitiram às grandes navegações descobrir “novos mundos”.

No nascedouro da Geografia como ciência com Alexandre Von Humboldt, Karl Ritter e o filósofo Immanuel Kant, dentro e no entorno da Prússia ali a geografia – conhecimento do/s mundo/s – foi instituída como “veículo de educação”.

Quando enfatizo “conhecimento do mundo” para a Geografia refiro-me àquela disciplina – que as vezes interessa, as vezes é odiada pelos alunos segundo o apelo dos professores (formados por nós nas Universidades); mas também aquilo que diariamente aparece nos jornais (na melhor imprensa, evidentemente), mapeando os acontecimentos em foco (naturais, econômicos, políticos e sociais). Que isto seja disciplina e não ciência pouco se me dá. O que interessa é que ela é algo de útil, indispensável à vida comum de todos nós.

Um dos problemas básicos da Geografia está para ser encontrado na indecisão do seu objeto de estudo. Descrição (interpretação, explicação) da Terra. Superfície da Terra (Natureza) mais Homem (Sociedade), um “animal” especial, diferente, que não é passivo mas importante “agente” geográfico malgrado a imensa e valiosa construção que legou não apenas à Geografia mas às Ciências Sociais é difícil aceitar que nosso querido e saudoso Milton Santos diga-nos que:

A ação é o próprio do homem. Só o homem tem ação, porque só ele tem objetivo, finalidade. A natureza não tem ação porque ela é cega, não tem futuro.

Milton Santos – “A Natureza do Espaço: técnica e campo, razão e emoção” (2006) 4.ed, pp.82

O filósofo e epistemólogo Karl POPPER (1959) já recomendava que não devemos (nós verdadeiros ou pretensos cientistas) trabalhar com conceitos muito fechados e (felizmente para nós dá o exemplo do fato DUNA).

De uma filósofa francesa – Edith DELAHAGE – num curso de Filosofia da Ciência ministrado na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, no ano de 2004 ouvi a seguinte recomendação:

“A Ciência não deve aferrar-se demais ao CONCEITUAL. Deve admitir a existência de ZONAS DE SOMBRAS e que essas podem beneficiar-se de ILUMINAÇÕES TRANSVERSAIS”.

Não sei dizer se esta recomendação seria original da filósofa em foco ou se colhida em algum outro filósofo. Quero registrar o fato de que, seja de quem for, a aprovo inteiramente. No meu esforço de relacionar Geografia e Literatura declaro e enfatizo o fato de que a segunda não substitui a primeira mas que a enriquece, a “ilumina”. Por que os geógrafos, face às preocupações de interdisciplinaridade, concentram-se na ajuda “transversal” da economia e da política? Por

que não recorrer também à antropologia, psicologia e até psicanálise? A propósito de externalidade – internalidade no Homem já tratei disso numa conferência do seminário de Espaço e Cultura (MONTEIRO, 2002).

Minha posição atual, no final de minha “travessia” pessoal – possivelmente TARDIA – é aquela de, ao lado de preocupações “científicas” a Geografia seja vista como algo indispensável à vida do Homem e, como tal, pode ser encontrada em toda a parte. Sobretudo no mundo atual, globalizado nas “comunicações”.

Notemos que a imprensa, em suas diferentes formas, apresenta-nos, diariamente, a incorporação da Geografia. Notemos que a cartografia – beneficiada tecnicamente – é mobilizada para “geografizar” os acontecimentos mais variados desde os desastres naturais, os problemas políticos-econômicos, os crimes, etc., etc. E note-se os cabeçalhos tais como INFORME-SE PARA ENTENDER O MUNDO – ENTENDER TEMAS DA ATUALIDADE EM DETALHES, SÓ CRIATIVIDADE LIBRA COSMOLOGIA DE CRISE; TELESCÓPIOS VERÃO TODA A HISTÓRIA DO COSMO; ... ARQUEÓLOGOS ACHAM OBJETOS DO SÉCULO 19 NA CRACOLANDIA ¹...

No panorama “globalizado” de hoje, repetimos a preocupação dos gregos na Antiguidade Clássica (século VIII a V a.C.) quando, na passagem dos mitos à razão, a preocupação do homem amplia-se do espaço cósmico aos mais variados fatos locais.

A Geografia hoje tem um relevante papel na “melhoria” do mundo contemporâneo onde o progresso das “hard sciences” possibilitou um fastígio tecnológico que não está sendo acompanhado pelo comportamento humano. Os insucessos econômicos, a irracionalidade política, os desvios éticos e, sobretudo, a obsolescência e nocividade dos valores.

Os professores universitários de Geografia devem tomar consciência dos violentos processos de mudança. Se insistirem no conteúdo dos programas curriculares e sobretudo na maneira de trabalhar com os alunos; desobedecer quando necessário as intervenções burocráticas desprovidas de sentido e usar da liberdade (que sempre é praticável) poderão contribuir para uma revalorização da Geografia. O próprio IBGE criado pelo Estado Novo de Vargas em 1937, valorizando a Geografia como poderoso auxiliar na administração, desde 1968, vem anulando o papel dos geógrafos em proveito de outros profissionais.

1 A propósito deste último cabeçalho devo assinalar que um dos mestrados por mim orientados (OGATA, 1983) a propósito da disposição de lixo na cidade de São Paulo, pela investigação histórica no espaço urbano paulistano revelou que em torno do atual largo de Santa Cecília e arredores houve um grande “lixão”.

É bem verdade que liderança e valorização profissional não são objetos de pretensão mas sim de conquista. Se tem faltado a nossos geógrafos talento e força de vontade para valorizar a profissão, nunca é tarde para recomeçar. Sobretudo nas instituições mais novas, sem vícios do passado mas com o devido esforço para mudar, aprimorar e valorizar a profissão.

Mas não devemos esquecer que a formação do geógrafo pesquisador (cientista?) não é a única função da formação universitária. Certamente a maior parte destina-se ao magistério do ensino médio. Uma profissão heroicamente sofredora, desvalorizada e, infelizmente, sem o suporte complementar das próprias universidades que não oferecem oportunidades de reciclagem, atualização e até mesmo pós-graduação.

Os estudantes, por sua vez, devem imbuir-se do espírito de luta e a consciência de que o esforço de melhoria da Geografia – uma necessidade básica da cidadania – dependerá dessas novas gerações.

Alguns vêm na vigência da importância concedida ao “*ciber space*” um fator nocivo e desviante dos jovens na seriedade dos estudos. Creio eu, entretanto, que, como tudo no mundo, ele pode servir tanto ao mau quanto ao bem. E também que essa tecnologia avançada pode muito bem estar capacitada a ampliar o nível cultural do geógrafo. Não esquecer a contribuição das ILUMINAÇÕES TRANSVERSAS de que falamos atrás. O bom geógrafo é necessariamente um grande CURIOSO e não pode fechar-se nos limites do geográfico. A complexidade do Homem, sua maneira de tratar a natureza e as diferenças culturais devem também contribuir para a urgente tarefa da elaboração de um NOVO HUMANISMO.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro

Referências

SOBRINHO, Barbosa Lima. *Devassamento do Piauí*. São Paulo: Cia Nacional, 1946

BLOOM, Harold. *Presságios do milênio - Anjos, Sonhos, Imortalidade*. Trad. Brasileira de Victor Burton do original. *Omens of millenium – The Gnosis of Angels, Dreams and Ressurrection*. 184pp. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996

FERRY, Luc. *Aprender a viver - Filosofia para os Novos Tempos*. Trad. do original

“APRENDRE À VIVRE: Traité de Philosophie à l’usage dès jeunes Générations por Vera Lúcia do Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007

GIANNOTTI, José Arthur. *Apresentação do mundo* - Considerações sobre o Pensamento de Ludwig Wittgerstein. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MATHEWS, John A. & HERBERT, David T. (Editors). *Unifying geography* -Common Heritage, Shared Future, 394pp. Ilustr. London: Rutledge, 2004

MONTEIRO, C. A. de Figueiredo. *A geografia no Brasil* (1934-1977) - Avaliação e Tendências. Série “Teses e Monografias” n. 37. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1980.

MONTEIRO, C.A. de Figueiredo. *Interioridade* – exterioridade no homem - Reflexões sobre Tendências Atuais na Geografia e em seu possível papel na construção de um Novo Humanismo. (54pp. Ilustr.) 3º. Simpósio Nacional sobre Espaço e Cultura, NEPEC – UFRJ – Rio de Janeiro: UFRJ, 2002

(INÉDITO)

NAVES, Rodrigo. *O novo livro do mundo* - A imagem pós-moderna e a Arte. *Novos estudos cebrap*, São Paulo no. 23, pp. 176 – 187 - Março de 1989

OGATA, Maria Gravina. *Os resíduos sólidos na organização do espaço e na qualidade do ambiente urbano* - uma contribuição geográfica ao Estudo dos Problemas na Cidade de São Paulo (187pp. – ilustr.). Série Recursos Naturais e Meio Ambiente n°. 8. Rio de Janeiro: IBGE, 1983

POPPER, K.R. *The logic of scientific discovery*. London: Hutchinson, 1959

ROSA, João Guimarães. *Cara de bronze* in No Urubuquaquá, no Pinhém 4ª. Ed. – pp. 73-130. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio Ed, 1969

SAID, Edward W. *Estilo tardio*. Trad. do original *on late style* por Samuel Titan Jr. 191 pp. São Paulo: Cia das Letras, 2009

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço* - Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 3ª. Ed. 384 pp. São Paulo: HUCITEC, 1999

VAZ, Henrique Carlos de Lima. *Sentido e não sentido na crise da modernidade*. Editorial in *Sintese* – Nova fase. Vol. No. 64 (1994) pp. 05-14. Belo Horizonte: Fac. Filos. CES-SJ, 1994